



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 3

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

**Ensino e Aprendizagem como Unidade
Dialética**
3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-482-5 DOI 10.22533/at.ed.825191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 43 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES DE ATENDIMENTO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA REDE PRÓPRIA DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GO	
<i>Bráulio Brandão Rodrigues</i> <i>Nathália Ramos Lopes</i> <i>Daniela Cristina Tiago</i> <i>Danianne Marinho e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915071	
CAPÍTULO 2	12
A EXPERIMENTAÇÃO ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO QUÍMICO	
<i>Paulo Vitor Cardoso Figueiredo</i> <i>Angelita Silva Machado</i> <i>Samuel Robaert</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915072	
CAPÍTULO 3	21
AÇÃO EDUCACIONAL PARA CONTROLE DA GLICEMIA SANGUÍNEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Sally Cristina Moutinho Monteiro</i> <i>Ilka Kassandra Pereira Belfort</i> <i>Leticiane Teixeira Castro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915073	
CAPÍTULO 4	33
APLICAÇÃO DE METODOLOGIA COM ENFOQUE CTS NO CURSO DE FARMÁCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Kione Baggio Bordignon</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915074	
CAPÍTULO 5	38
ARTE-PERFORMANCE: EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>José Valdinei Albuquerque Miranda</i> <i>Carla Alice Faial</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915075	
CAPÍTULO 6	51
AS “TRÊS MARIAS” E O SOL: RECURSO DIDÁTICO À LUZ DA EPISTEMOLOGIA DE GASTON BACHELARD	
<i>Marcelo Antonio Amorim</i> <i>Edite Maria dos Anjos</i> <i>Virgínia Marlene Correia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915076	

CAPÍTULO 7	57
CURSOS TÉCNICOS A DISTÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA PROFUNCIÓNÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO	
<i>Marize Lyra Silva Passos</i>	
<i>Danielli Veiga Carneiro Sondermann</i>	
<i>Isaura Alcina Martins Nobre</i>	
<i>Mariana Biancucci Apolinário Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915077	
CAPÍTULO 8	71
DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NO ESPAÇO ESCOLAR: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS – ARTE, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Mikael Miziescki</i>	
<i>Marcelo Feldhaus</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915078	
CAPÍTULO 9	76
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O IFPR – CAMPUS PARANAÍ EM CONTEXTO	
<i>Valeriê Cardoso Machado Inaba</i>	
<i>José Barbosa Dias Júnior</i>	
<i>Antão Rodrigo Valentim</i>	
<i>Rafael Petermann</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915079	
CAPÍTULO 10	86
ESCOLA E UNIVERSIDADE: FORTALECENDO DIÁLOGOS ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Edileuza Dias de Queiroz</i>	
<i>Renato Gadioli Augusto</i>	
<i>Guilherme Preato Guimarães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150710	
CAPÍTULO 11	97
EXPERIMENTOS INVESTIGATIVOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA	
<i>Raquel Pereira Neves Gonçalves</i>	
<i>Mara Elisângela Jappe Goi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150711	
CAPÍTULO 12	107
FIOS E TRAMAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR: SABERES E FAZERES NA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	
<i>Regina Celi Frechiani Bitte</i>	
<i>Vilmar José Borges</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150712	

CAPÍTULO 13	122
HIDROGÊNIO: UM OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE QUÍMICA ORGÂNICA	
<i>Ingrid Souza Brikalski</i>	
<i>Denis da Silva Garcia</i>	
<i>Claiton Marques Correa</i>	
<i>Bruno Siqueira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150713	
CAPÍTULO 14	128
INTEGRANDO JUVENTUDE E INFÂNCIA: ENSINANDO E APRENDENDO EM DIFERENTES CONTEXTOS	
<i>Camila Ribeiro Menotti</i>	
<i>Elexandra Sueli Wagner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150714	
CAPÍTULO 15	137
METODOLOGIA DE PROJETOS E A EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Andréa Cristina da Silva Viana</i>	
<i>Raquel Aparecida Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150715	
CAPÍTULO 16	144
O ESTÁGIO COMO ENCONTRO NOS CURSOS DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA	
<i>Sandra Regina dos Reis</i>	
<i>Klaus Schlünzen Junior</i>	
<i>Okçana Battini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150716	
CAPÍTULO 17	158
OS DESAFIOS DAS PESQUISAS NO CAMPO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO: CARTOGRAFANDO POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS	
<i>Aurélia Regina de Souza Honorato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150717	
CAPÍTULO 18	167
POBREZA DE EXPERIÊNCIA CONTRAPONDO-SE AO ACÚMULO DE INFORMAÇÕES NO SÉCULO XXI, À LUZ DAS TEORIAS DE JORGE LARROSA E WALTER BENJAMIN	
<i>Mariluci Almeida da Silva</i>	
<i>Cintia Luzana da Rosa</i>	
<i>Janine Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150718	
CAPÍTULO 19	172
RECICLAGEM DE MATERIAIS – UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO	
<i>Venina dos Santos</i>	
<i>Maria Alice Reis Pacheco</i>	
<i>Magda Mantovani Lorandi</i>	

Paula Sartori

DOI 10.22533/at.ed.82519150719

CAPÍTULO 20 186

REESTRUTURAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

Eliane Paganini da Silva

DOI 10.22533/at.ed.82519150720

CAPÍTULO 21 199

TEXTOS ESCRITOS- O DIZER ÀS MARGENS: O DITO E O NÃO DITO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Vânia Carmem Lima

DOI 10.22533/at.ed.82519150721

CAPÍTULO 22 206

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E O TRATO COM A DIVERSIDADE NA ESCOLA PÚBLICA: TAREFAS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

Paulo Antônio dos Santos Júnior

Maria Jucilene Lima Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.82519150722

CAPÍTULO 23 222

ARTE AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA ESCOLA: REVENDO A LITERATURA, ENTENDENDO OS PERCURSOS

Lucas de Vasconcelos Soares

Maria Antonia Vidal Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.82519150723

CAPÍTULO 24 228

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA EM EAD

Rosalva Pereira de Alencar

Waghma Fabiana Borges Rodrigues

Alexandre Ferreira Alencar

Viviane Rodrigues Mendes

Thiago Silva Garcia Duarte

DOI 10.22533/at.ed.82519150724

CAPÍTULO 25 240

INTERNET Y CINE COMO ALIADOS EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: UNA EXPERIENCIA EN BRASIL

Antônia de Araújo Farias

DOI 10.22533/at.ed.82519150725

SOBRE A ORGANIZADORA..... 249

OS DESAFIOS DAS PESQUISAS NO CAMPO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO: CARTOGRAFANDO POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Aurélia Regina de Souza Honorato

Universidade do Extremo Sul Catarinense –
UNESC

RESUMO: O texto que apresento faz parte de meus estudos para doutoramento na área da arte, que discutiu formas de pensar a arte, a experiência, a criação, o sensível, a imagem e a formação de professores e professoras de Artes. O recorte que trago é o anúncio de uma discussão sobre os desafios de se fazer pesquisa buscando escapar das metodologias tradicionais que engessam a escrita e o pensamento. É um texto que contextualiza meu percurso de pesquisa e minhas escolhas na criação de desvios que me permitiram caminhar nas margens das tradições metodológicas das academias. Sabe-se que uma pesquisa científica exige um método, um caminho seguro a percorrer, que traga respostas suficientes para soluções possíveis. Em minha pesquisa faço algumas transgressões e me aventuro em escolher como método de pesquisa a cartografia.

PALAVRAS-CHAVE: metodologia, pesquisa, arte, cartografia.

ABSTRACT: The text that I present part of my doctoral studies in art area , which discussed ways of thinking about art , the experience ,

the creation , the sensitive , the image and the training of teachers and Arts teachers . The cut that I bring is the announcement of a discussion about the challenges of doing research seeking to escape the traditional methodologies immobilizing writing and thinking. It is a text that contextualizes my career research and my choices in creating deviations that allowed me to walk on the banks of the methodological traditions of the academies. It is known that scientific research requires a method, a safe way to go to bring sufficient answers to possible solutions. In my research do some transgressions and I venture to choose as a method of research cartography.

KEYWORDS: methodology, research, art , cartography

AS MOTIVAÇÕES DA PESQUISA

Entro lentamente na minha dádiva a mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser o primeiro. Entro lentamente na escrita assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras – limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer. (Água Viva. Clarice Lispector, 1998. p. 15).

Água líquida, e que toma a forma do objeto que a abraça, mas ao mesmo tempo resiste

buscando seu próprio caminho, assim como a imagem que resiste ao pensamento de quem a produziu e de quem a quer identificar. Água que reflete o olhar de quem a olha abrindo entre os olhares um espaço vazio, marcando uma cisão no ato de ver. Água passiva e ativa; potência e calma; que lava, que molha, que toca e se deixa tocar. Água que é viva, que pulsa, que é estranha e que provoca os sentidos. Água viva que é imagem e que articula em seus fluxos o dizível, o invisível e o indizível. Inspirada em *Água Viva*, o texto de Clarice Lispector, minha escrita se configura, não descrevendo nem representando, mas produzindo vazios dissonantes. Vazios que, acredito, possam ser tocados, marcados pelos olhares dos que a lerem. Uma escrita que se propõe a promover deslocamentos, territorializações e desterritorializações – cartografias - no campo da arte e do ensino dela na contemporaneidade. Me sinto como no texto que trago na epígrafe desta introdução: no “limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer”. Clarice entra em minha pesquisa como companheira de viagem. Sua escrita me mobiliza e com ela vou procurando formas de reinvenção, pois ela me faz reinventar-me. Porque a obra de Clarice me move? Porque ela é movente por si só e me leva por caminhos que não são conhecidos, são caminhos-surpresa. Sua forma de escrever me cativa e promove em mim experiência. Experiência que é um dos conceitos que trago em meu percurso de estudo e que considero fundamental. A experiência especialmente com a arte, com a obra de arte, que também é chamada de experiência estética. Clarice Lispector promove em mim experiências estéticas, que me movem e me transformam, me fazendo repensar meu modo de ser professora. A produção que trago aqui faz parte de minha tese de doutorado que discutiu formas de pensar a arte, a experiência, a criação, o sensível, a imagem e a formação de professores e professoras de Artes. Dizer como começou meu desassossego sobre ou com estes temas precisamente não saberia, mas sei que inicia com minhas inquietações e incômodos no curso de ser professora de Artes na escola pública e também formadora de professores de Artes no curso de graduação em Artes Visuais na universidade. Minha vivência em sala de aula sempre me impulsionou a compreender mais profundamente meu papel de formadora. Sempre me questioneei: o que tenho para dar? Como posso contribuir com o ensino da arte nas escolas? Considero a pesquisa como um olhar para dentro. A minha experiência como docente e formadora de docentes me possibilita a aproximação e o afastamento necessários para que eu possa entender o professor e a professora em formação, apoiada em Rancière (2010), como um novo espectador, um espectador emancipado que a partir das experiências estéticas que vivencia torna-se ativo oferecendo sua própria tradução, se apropriando das histórias e fazendo a sua própria história. Constituindo-se sujeito na arte e pela arte.

O campo do ensino da arte no Brasil tem sua história marcada por lutas e conquistas. Desde o início da colonização do país, quando os jesuítas usavam a arte para catequização dos índios e também para tornar culto o filho da burguesia, até o estabelecimento de Artes como disciplina obrigatória nos currículos escolares

da educação básica. Nessa história, o que quero destacar é a implantação da obrigatoriedade da disciplina a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 (BRASIL, 1996, Art. 26, § 2º) que estabelece que o ensino da arte se constitua como “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Esses diversos níveis, aos quais a lei se refere, incluem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. O professor de Artes tem agora maior compromisso com a educação estética de crianças e jovens, pois junto com ela vem a formação política e ética. Como o professor de Artes tem se preparado? Pensando na formação de professores e professoras de Artes hoje, nas universidades e também nos seus campos de atuação, me interrogo no sentido de buscar entender como ela está refletindo na formação estética das crianças e jovens na escola e também do próprio professor e professora. Qual espaço, nessa formação, ocupa a experiência? O sensível? A imagem? A criação?

Com minhas inquietações procurei no banco de teses da CAPES pesquisas de doutoramento que trazem como foco a formação do professor de Artes. Em minha busca inseri na caixa de pesquisa as palavras formação, professor e arte. Encontrei um conjunto de quarenta teses publicadas entre os anos de 2010 e 2013 que investigam este tema de diversas formas e com diferentes lentes teóricas, como a semiótica, a iconografia, a psicologia da arte, a metodologia triangular, os estudos da cultura visual. Percebi que as preocupações das pesquisas recentes em formação docente em arte enfatizam: a leitura de imagem no sentido da busca de uma significação para esta imagem; a produção artística do professor como estímulo para sua atuação na sala de aula; as pesquisas autobiográficas que se apropriam de textos verbais ou imagens como escritas pessoais dos professores e professoras, assim como histórias de vida e memória. Buscando diferentes publicações de eventos científicos da área da arte, especialmente das Artes Visuais, e da educação, é comum encontrar relatos de pesquisas que se apoiam na imagem, afinal a arte é um campo que potencialmente trabalha com ela. A grande maioria embasa seus estudos na leitura de imagem a partir das teorias semióticas ou da iconografia. Isto não é estranho para mim, que sou dessa área e venho desde minha formação na graduação vendo exemplos de sucessos em planejamentos e projetos de ensino da arte que trabalham com a tríade apreciação, reflexão e produção. Produção esta chamada de releitura. Olhando para essas publicações e também para as produções das crianças e jovens nas escolas penso de que forma pode-se sair desse redemoinho que circula sempre para um mesmo ponto e avançar para uma proposta de formação de professores e professoras de Artes que escape dessas abordagens que veem a experiência estética como um esquema de comunicação – emissor/mensagem/receptor. Foi nesse ponto que me apoiei para pensar meu estudo. Pensar outra forma de olhar para a experiência, para o sensível, para a imagem, para a criação. E, nesse olhar, trazer para o foco a formação de professores e professoras de Artes e as possibilidades de reinvenção das

aulas de Artes. E é no caminho de pensar a formação de professores e professoras de Artes que apresento a questão de pesquisa que me impulsiona: É possível, por meio do sensível, promover uma docência em arte com potencial crítico e político? Uma formação para um novo professor e uma nova professora que a partir de um olhar para a experiência cria modos de vida e assim cria uma nova aula de Artes? Esta questão que apresento vem carregada das ideias que Migliorin (2010) traz sob o ponto de vista das possibilidades da arte na escola e na vida. Para o autor a arte nos coloca em confronto com uma ação estética de forte dimensão política que nos impele a inventar o real, ela não está na escola para ser ensinada, mas para criar espaços de compartilhamento e invenção. Partilhando do pensamento de Migliorin (2010) intento aqui dizer que se os professores e professoras de Artes olharem para a arte como uma relação com o mundo que mais pergunta, vê e ouve do que explica, perceberão que podem, pela experiência, sair do lugar daquele que ensina para experimentar com seus alunos.

BUSCANDO UMA METODOLOGIA

O posicionamento metodológico de minha pesquisa considera o estudo do ser humano levando em conta que ele não é um ser passivo, mas sim ativo e em constante movimento no mundo. Na pesquisa que aqui apresento o fato de saber colocar perguntas me interessa mais do que achar respostas, dessa forma busco avançar nas questões da experiência, da imagem, do sensível, da criação, tentando reposicioná-las ou trazê-las sob novas perspectivas na intenção de deslocá-las de seus campos específicos e, assim promover encontros. A pesquisa apresenta como objetivo maior investigar as possibilidades críticas e políticas na formação de professores e professoras de Artes por meio da imagem, por meio do sensível, por meio da experiência, por meio da criação e a partir de um olhar cartográfico, que não acredita naquilo que é fixo e se aventura no devir. “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem se ajustar a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade” (Deleuze; Parnet, 1998). Os demais objetivos, vinculados a esse maior, pensados no trabalho assim se apresentam: Discutir teoricamente o potencial político da arte na formação de professores e professoras sob a perspectiva da experiência e do sensível; refletir sobre a imagem na arte e suas relações com a formação dos professores e professoras de Artes; promover conexões entre a teoria e produções contemporâneas de arte na tentativa de encontrar possibilidades de reinvenção da formação de professores e professoras de Artes e do ensino da arte; compreender e refletir sobre a criação na formação de professores e professoras de Artes na contemporaneidade. Os conceitos fundamentais para discussão e reflexão são: experiência, imagem, sensível e criação, na perspectiva de pensar o ensino da arte e a formação de professores e professoras de Artes. Conceitos que trouxe para a cena a partir de entrelaçamentos com as teorias de pensadores contemporâneos da arte, da cultura, da educação e

da política em uma discussão que pretende privilegiar a construção do que chamo de Espaços do Possível, que se configuram como possibilidades na formação e na vida dos professores e professoras de Artes para a construção e a ampliação do pensamento, para criação de modos de vida.

Considero a arte fundamental para o ser humano. A experiência com a arte modifica as pessoas. Essa arte que está no mundo para todos foi para a escola e na escola teve que se formatar de acordo com o sistema escolar, de acordo com as regras e assim se transformou em outra arte, a arte da escola. A criança que teve arte na escola e se forma professor de Artes vai para a escola ensinar a arte da escola, e a experiência com a arte que é tão fundamental para o ser humano, para mudanças, ela não acontece. O meu interesse é dar visibilidade para a experiência com a arte para que as pessoas e em especial os professores e professoras de Artes, os que ainda estão estudando na universidade e também aqueles que já estão atuando em sala de aula, percebam que a arte da escola pode ser diferente do que ela é. A meu ver o professor e a professora que tem a experiência com a arte é alguém aberto para a transformação, para a mudança. E essa mudança do professor, da professora na escola, tem potencial de mudar a escola e o aluno que está na escola que vai multiplicar essa mudança. Isso vejo como partilha do sensível, como política da arte. Não tenho intenção de criar uma nova regra, uma nova metodologia, mas sim promover espaços para mudança pela arte, Espaços do Possível. Isso sim pode ser uma proposta de mudança na educação. A arte como experiência. Experiência que não está contaminada e nem é confundida com a ideia de experimento, pois a experiência é singular enquanto que o experimento é genérico. Larrosa diz que “Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (2004. p. 28). Na experiência não se busca alcançar um objetivo previsto, pois ela é um caminho para o desconhecido que abre espaços para diferentes instantes que são misteriosos, secretos, incógnitos.

Nessa aventura de refletir sobre e com a experiência, a imagem, o sensível, a criação na formação de professores e professoras com os teóricos que me acompanham, mergulho na leitura de Clarice Lispector (1920-1977), e em particular no seu texto *Água Viva*, publicado em 1973. Uma obra que apresento como um acontecimento, este que para Deleuze (1974) é o próprio sentido. Um acontecimento que se abre como um rio e seus infinitos outros rios que avançam pela terra e se encontram com sementes, pequenos animais, brisas, pessoas, objetos. Promovendo encontros de multiplicidades, encontros estes que são momentos únicos que se transformam em outros momentos únicos e que vão desenhando um mapa da subjetividade do humano. A autora de *Água Viva* me ajuda a pensar cartograficamente e a seguir por caminhos que se emaranham, se cruzam, se entrelaçam e fazem sentido em minha pesquisa. É com ela e sua escrita que percebo o quanto é possível se reinventar.

É no aspecto de busca e indagação que se alicerça a pesquisa. Uma forma

de enxergar os diferentes conceitos que investigo como multiplicidades. O espaço da medialidade. Considero esta, uma pesquisa que permeia o campo da arte, das linguagens e da educação e para tanto busco seguir por caminhos que não sejam em linha reta e nem mesmo cronológica. Sabe-se que uma pesquisa científica exige um método, um caminho seguro a percorrer, que traga respostas suficientes para soluções possíveis. Nessa pesquisa faço algumas transgressões e me aventuro em escolher como método de pesquisa a cartografia.

CARTOGRAFANDO

O termo cartografia, como possibilidade metodológica, surge com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) no texto em que escrevem a quatro mãos ainda na década de 80: *Mil Platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. É um conceito que se assume implicado com a invenção e a criação, pois permite pensar uma pesquisa das multiplicidades que produz multiplicidades. Desenhar linhas, investigar territórios, perceber as margens e os deslocamentos, criar e estimular mudanças nas possíveis trajetórias. E é com Suely Rolnik, que em 1989 lança seu livro *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo* com base em sua tese de doutorado, que a cartografia entra no campo das pesquisas acadêmicas no Brasil. Para a autora “a cartografia é um método com dupla função: detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles” (ROLNIK, 1987. p. 6). Este método apresenta também a figura do cartógrafo, aquele que “[...] serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme, quanto de uma conversa ou de um tratado de filosofia” (ROLNIK, 2014. p. 65). A cartografia, nesse estudo, se configura como uma maneira, um método, de potencializar pensamentos na tentativa de ampliar as possibilidades de pesquisar em arte, em linguagens, em educação. O método da cartografia não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade. O ato cognitivo – base experiencial de toda atividade de investigação – não pode ser considerado, nesta perspectiva, como desencarnado ou como exercício de abstração sobre dada realidade. Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se como mundo, comprometer-se com a sua produção. Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. É preciso, então, considerar que o trabalho da cartografia não pode se fazer como sobrevoo conceitual sobre a realidade investigada. Diferentemente, é sempre pelo compartilhamento de um território existencial que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam (PASSOS; ALVAREZ, 2009. p. 131).

Esses pressupostos do método cartográfico aparecem nas pesquisas elaboradas por um grupo de professores e pesquisadores entre os anos de 2005 e 2007. O foco

de suas preocupações investigativas era os processos de produção de subjetividade, o que para eles sempre causou impasses metodológicos. Por considerar minha pesquisa como envolta também nesses impasses é que escolhi ser cartógrafa e me aprofundar nesse método que a meu ver consegue contribuir em meu percurso que pretende refletir sobre a formação de professores e professoras de Artes, assim como sobre o ensino da arte que se estabelece hoje nas diretrizes pedagógicas em diferentes instâncias legais do país e também na ação efetiva nas escolas, a partir dos conceitos de imagem, sensível, criação e experiência. Olhar para estes territórios sempre colocando em questão o pressuposto de que conhecer é representar ou reconhecer a realidade.

Para trilhar os caminhos da cartografia os diferentes pesquisadores, apoiados em Deleuze e Guattari (1995), elaboraram diversas formas de percurso, dando a estes percursos nomenclaturas distintas, que se aproximam e se afastam dependendo dos objetos e ou dos sujeitos das pesquisas. Neste estudo me aproprio de algumas destas nomenclaturas considerando que minha trajetória investigativa compreende conexões e fluxos semelhantes e complementares às trajetórias de tantos outros que investem na pesquisa qualitativa na área das Ciências Humanas, em especial na área da Linguística, Letras e Artes, que é o meu caso. Território é um dos termos que tomo emprestado para significar, assim como dizem Deleuze e Guattari, “[...] lugar de passagem” (2012, p.139). Lugar de onde falo e que se constitui em um território existencial, que evidencia as dimensões processual e qualitativa da realidade. Não no sentido de marcação territorial de onde demando ações úteis e funcionais, mas sim a marca de onde privilegio os sentidos e os modos de expressão que me são apresentados neste espaço. Chamo de território existencial nessa pesquisa a formação de professores e professoras de Artes, assim como o próprio ensino da arte. E numa perspectiva de conjugação e composição de forças penetro em territórios que se avizinham deste, que são o sensível, a imagem, a criação e a experiência. Buscando com essa aproximação construir conhecimento com esse território existencial que habito e que é meu campo de pesquisa. Segundo Passos e Alvarez “A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo. [...] Aprendizado no duplo sentido de processo e de transformação qualitativa nesse processo” (2009. p. 135). Um processo que se estende para além da experiência de aprendiz do cartógrafo se estabelecendo na investigação mesma, pois a palavra processo pode indicar tanto a ideia de processamento, que conjura o conceito de conhecimento guiado pela informação, como a ideia de processualidade que é a natureza da cartografia. No caso desta pesquisa que investiga a formação de professores e professoras de Artes e o ensino da arte, já há um processo em andamento, o que me colocou, como cartógrafa, em uma situação de começar pelo meio, entre pulsos e fluxos. Afinal esse território existencial, no qual me encontro, possui uma história anterior e uma “espessura processual” que “[...] é tudo aquilo que impede que o território seja um

meio ambiente composto de formas a serem representadas ou de informações a serem coletadas” (BARROS e KASTRUP, 2009.p. 59). Se pensarmos na constituição de uma pesquisa no contexto da ciência moderna, iremos encontrar em diferentes publicações referentes a metodologia de pesquisa, passos a serem seguidos (coleta, análise, discussão) onde cada momento da pesquisa traz consigo o anterior, que traz o anterior, prolongando-se numa sequência ordenada até o final. Procurei na investigação, processual, construir uma escrita que apresente os dados produzidos no percurso, assim como os resultados obtidos objetivando destacar o caráter coletivo desta construção. Coletivo no sentido de diferentes vozes se articulando para construir pensamentos sobre as relações existentes e possíveis da, e na, formação de professoras e professores de Artes nos diversos territórios que se constituem nestas relações e que aqui são marcados por caracterizarem meu campo de pesquisa, que são: o ensino da arte, a experiência, o sensível, a criação, a imagem. Territórios que se engendram, se interconectam com seus fluxos e movimentos promovendo pensamentos.

No desafio de escrever meu relatório de pesquisa, trouxe, como interlúdios três relatos, que chamo de Desvios, e que se configuram em rotas de fuga que proporcionam uma pausa na teoria e ajudam a pensar as forças de distintos contextos e seus atravessamentos. São relatos de minha história como professora, são autobiográficos sim, mas não a partir de minha individualidade, mas sim da singularidade da maneira como a força dos acontecimentos me atravessa. Uma escrita de pesquisa que deseja entrelaçar minhas palavras com as palavras de Clarice Lispector, em seu texto *Água Viva*, e também encontrar entre elas conexões e desconexões que possibilitam configurar pensamentos fora do eixo sobre os temas aqui trazidos. Ao mesmo tempo em que a escrita da autora me acompanha ajuda a ensaiar novas formas de pensar sobre a experiência, a criação, a imagem, o sensível e a formação de professores e professoras de Artes. Penso que minha aventura nos territórios da pesquisa no campo da arte pode contribuir para repensar de forma mais ampla a formação de professores e professoras de Artes na perspectiva da renovação da percepção do mundo, assim como contribuir para novos olhares teórico-metodológicos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. *Cartografar é acompanhar processos*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52 – 75.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 4. 2ª edição. Tradução de Suely Rolnik. São

Paulo: Editora 34, 2012. 200p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. 184p.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MIGLIORIN, C. *Cinema e Escola, sob o risco da Democracia*. Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 104-110, 2010.

PASSOS, Eduardo; ALVAREZ, Johnny. *Cartografar é habitar um território existencial*. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131 – 149.

RANCIÈRE, Jacques. Política da Arte (p.45 - 59); Trabalho sobre a imagem (p. 91-105). *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas / Universidade do Estado de Santa Catarina*. Programa de Pós-Graduação em Teatro. - Vol 1, n.15 (Out 2010) - Florianópolis: UDESC/CEART Semestral.

ROLNIK, Suely (1987): *Cartografia Sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial*. 250f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

_____, Suely. *Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do desejo*. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247p.

Notas

1 Para a disciplina escolar usarei a denominação Artes, conforme a resolução nº 1 de 31 de janeiro de 2006 do Conselho Nacional de Educação. (ver resolução na íntegra em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb001_06.pdf).

2 O termo arte indicará a área de conhecimento.

3 Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

4 Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco, André do Eirado, Regina Benevides, Auterives Maciel, Liliana da Escóssia, Maria Helena Vasconcelos, Johnny Alvarez e Laura Pozana – vinculados ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-482-5

